

A estátua de Augusto de *Prima Porta* como a personificação do Império Romano em livros didáticos de História

The statue of 'Prima Porta' Augustus and the personification of the Roman Empire in History schoolbooks

Jorwan Costa Junior*

Resumo: Este artigo analisa os usos da imagem da estátua de Augusto de *Prima Porta* nos conteúdos referentes a Roma antiga nos treze livros didáticos de História do primeiro ano do ensino médio aprovados pelo Plano Nacional do Livro Didático (PNLD-2018). Parte-se de uma pergunta fundamental: a quais tipos de Império Romano essa estátua é associada no *corpus* documental selecionado? Para respondê-la, foram cotejadas todas as reproduções da estátua de Augusto de *Prima Porta* presentes nos treze livros didáticos de História do PNLD-2018. As imagens coletadas serão analisadas em conjunto com os textos que as acompanham, e não como dados isolados. Argumentarei que a exposição da estátua de Augusto de *Prima Porta* é associada à configuração de um império inabalável e expansionista, construído a partir da *Pax Romana*.

Abstract: This paper analyses the uses of the *Prima Porta* Augustus in the chapters referring to Ancient Rome in thirteen Brazilian schoolbooks approved by the National Program of Schoolbooks (PNLD-2018). There is a fundamental question that guides this paper: to which types of Roman Empire that statue is linked in the *corpus*? To answer that, this essay collected every image of *Prima Porta* Augustus present in each History schoolbook of PNLD-2018. These images will be examined together with the texts adjacent to them since they should not be seen as isolated data. I will defend that these images of *Prima Porta* Augustus are associated with an idea of an unquestionable and expansionist empire, built from the concept of *Pax Romana*.

Palavras-chave:

Augusto de *Prima Porta*.
Livros Didáticos.
Império Romano.
Pax Romana.

Keywords:

Prima Porta Augustus.
Schoolbooks.
Roman Empire.
Pax Romana.

Recebido em: 17 mai. 2021
Aprovado em: 30 mai. 2021

* Doutor em História Social pela UNIRIO. Atualmente, dedica-se ao estudo da recepção dos clássicos, em particular no Império Romano, em discursos políticos e educacionais brasileiros do século XXI. É professor da rede municipal de ensino do Rio de Janeiro e do Colégio Cruzeiro.

Introdução

Este artigo propõe analisar as imagens da estátua de Augusto de *Prima Porta* nos conteúdos sobre Roma antiga em livros didáticos de História de ensino médio do Plano Nacional do Livro Didático-2018 (PNLD-2018).¹ Busca-se compreender, sobretudo, como tais imagens auxiliam na construção do conhecimento sobre o Império Romano. A estátua de Augusto de *Prima Porta* (Figura 1), peça central neste artigo, foi encontrada em 1863, em uma região ao norte da cidade de Roma. Trata-se de um exemplar em mármore produzido em torno do ano 20 a partir de um modelo em bronze elaborado entre os anos de 27 e 19 a.C. (SQUIRE, 2013, p. 135).² Situada atualmente nos Museus do Vaticano, ela se tornou, ao longo dos séculos, a face imperial mais reproduzida na imaginação histórica da arte romana (BEARD; HENDERSON, 2001, p. 216).³ Estima-se que a referida estátua tenha servido de modelo para outras 148 reproduções difundidas por todo Império Romano (FERNANDES, 2016, p.74).⁴

A estátua em questão também é recorrentemente identificada no *corpus* documental. Dos treze livros didáticos de História aprovados pelo PNLD-2018, em apenas cinco ela é representada.⁵ Observou-se uma hipertrofia da reprodução da imagem de Augusto em detrimento de outros líderes políticos romanos, como Júlio César, figurado apenas duas vezes.⁶ Ressalta-se que a estátua de *Prima Porta* é a única tipologia de representação de Augusto em todos os livros didáticos analisados, reforçando a lógica de que ela se tornou a faceta mais reconhecível do primeiro imperador romano e, no limite, do próprio Império Romano. Para alcançar o objetivo deste artigo, cada uma das cinco imagens de Augusto será analisada em conjunto com os textos que as acompanham. Embora apresentem significados isoladamente, as imagens nos livros escolares devem ser investigadas em perspectiva, englobando não apenas a própria página na qual são

¹ Esses livros circularam, no Brasil, durante o triênio 2018-2020. A aprovação pelo PNLD permite que eles sejam comprados pelas escolas públicas brasileiras, que são responsáveis pela formação de mais de 80% dos jovens estudantes brasileiros. Para uma visão panorâmica do PNLD e da quantidade de escolas e estudantes atendidos, ver: <https://www.fnede.gov.br/index.php/programas/programas-do-livro/pnld/dados-estatisticos>.

² A data precisa da estátua em mármore ou de seu modelo original em bronze são fruto de intensa discussão entre os especialistas. Esse tema foge ao escopo deste artigo.

³ A estátua pode ser acessada virtualmente no seguinte endereço: <https://www.museivaticani.va/content/museivaticani/en/collezioni/musei/braccio-nuovo/Augusto-di-Prima-Porta.html>.

⁴ Fernandes (2016) aponta outros dois tipos básicos de representação de Augusto: Tipo Forbes e Tipo Otaviano. Para saber mais a respeito de questões políticas, históricas e artísticas associadas à estátua, ver: Pollini (2012) e Martins (2011).

⁵ A referida imagem foi encontrada nos livros: *História das Cavernas ao Terceiro Milênio* (BRAICK; MOTA, 2016, p. 110), *Olhares de História* (VICENTINO; VICENTINO, 2016, p. 165); *Caminhos do Homem* (MARQUES; BERUTTI, 2016, p. 97); *Oficina de História* (CAMPOS; PINTO; CLARO, 2016, p. 93); *Cenas de História* (GRANGEIRO, 2016, p. 95).

⁶ Comparações entre as figurações de Júlio César e Augusto seriam enriquecedoras, mas fogem ao escopo de análise deste artigo. Júlio César foi representado nos livros *Caminhos do Homem* (MARQUES; BERUTTI, 2016, p. 96) e *História Ensino Médio* (VAINFAS et al, 2016.).

alocadas, como também o capítulo em si ou mesmo um conjunto de imagens referentes a determinado assunto (JOLY, 2012; BITTENCOURT, 2015). Os textos que acompanham as imagens serão analisados a partir das contribuições de Bardin (1977), Greimas e Courtés (1989) e das propostas metodológicas de Cardoso (1997), que teorizam a respeito da Análise de Conteúdo e da Semiótica.

Há que se ter em mente a centralidade de Augusto e do Império Romano nos livros didáticos de História do PNLD-2018. Argumentei, anteriormente, que esses instrumentos pedagógicos privilegiam o ensino de uma história política, centrada no Império Romano, notadamente o período do principado augustano. Esse Império manifesta-se, nos livros didáticos, de forma hegemônica, homogênea, imperialista e de viés cristão. A base de sustentação imperial, segundo os livros didáticos do PNLD-2018, remonta ao governo de Augusto, responsável pelo estabelecimento de uma estabilidade que pretensamente perduraria por séculos (COSTA JUNIOR, 2021). Nesse sentido, defenderei que a exposição da estátua de Augusto de *Prima Porta* no *corpus* documental apresentado é parte integrante da construção de uma configuração de um império inabalável e estável, criado por Augusto e relacionado à *Pax Romana*.

Figura 1 - Estátua de Augusto de *Prima Porta*



Fonte: https://commons.wikimedia.org/wiki/Category:Augustus_of_Prima_Porta#/media/File:StatueAugustus.jpg.

A estátua e os livros didáticos: a importância dos aspectos visuais

Os livros didáticos aqui analisados foram produzidos para um público juvenil na faixa etária de 15 anos. Esses jovens estão inseridos em uma sociedade que lhes proporciona acesso a uma profusão de imagens por meio de dispositivos como *smartphones* e *tablets*. Neles, impera o mundo das redes sociais de caráter eminentemente imagético, como o *Facebook* e o *Instagram*. Estudantes de ensino médio observam, produzem e interpretam imagens cotidianamente, sem que isso seja um exercício metodológico de Semiótica. Nas últimas décadas, os livros didáticos expandiram a relevância dos aspectos visuais na construção do conhecimento, sendo cada vez mais raro observar páginas que não contenham ao menos uma imagem, seja com o intuito de ilustrar uma passagem textual ou servir como documento histórico a ser trabalhado pelos alunos. Esse aperfeiçoamento da qualidade gráfica dos livros escolares é uma das conquistas do PNLD, que busca aprimorar o material didático que chega às escolas brasileiras.⁷ Disso depreende-se outra questão fundamental neste artigo: a estátua de Augusto de *Prima Porta* é apresentada como documento histórico ou apenas ilustra o conteúdo referente ao *princeps*?

O aspecto visual também era central na sociedade romana da Antiguidade. Em um debate estabelecido há décadas, Elsner (1997, p. 10) argumenta que o mundo romano se fundamentava em uma cultura visual difundida a partir de rituais públicos religiosos, sociais e/ou intelectuais. No caso específico de Augusto, Zanker (1988; 2012) atenta para o caráter votivo e religioso de suas representações, que se conectavam às ideias de defesa e criação de uma ordem política com a aprovação divina, principalmente no caso da estátua de *Prima Porta*. O debate sobre os aspectos político-religiosos da estátua é amplo e extrapola os limites desse artigo. No entanto, é necessário estabelecer um panorama sobre três elementos que dialogam com os conteúdos dos livros didáticos: o gesto do imperador, a couraça e o Cupido.⁸

Em termos gestuais, como pode ser visto na Figura 1, Augusto surge elevando seus braços em uma posição que não aponta para os céus, mas sim adiante. Grimal (1993, p. 71) defende que a estátua representa um discurso do imperador às suas tropas, em uma exortação ao combate. Ainda que seja um estímulo à batalha, as feições de Augusto transmitem serenidade. Está estabelecida a dicotomia que pautará os debates em torno da estátua: oratória *versus* ação. Em termos de oratória, Squire (2013, p. 247)

⁷ Para saber mais sobre a relação entre o PNLD, o aperfeiçoamento dos livros didáticos e o Ensino de História, ver: Caimi (2014) e Franco (2014).

⁸ Apresentar o “estado da arte” em torno da estátua de Augusto de *Prima Porta* não cabe nos limites e nos objetivos deste artigo.

argumenta que a posição do braço direito de Augusto seria uma indicação de que ele estaria discursando para seu público, em um gesto de *adlocutio* que, em conjunto com a couraça militar, difunde a ideia de que Augusto era um homem de palavras e ações. Essa perspectiva alinha-se à de Beard (2013, p. 113), para quem a estátua representa um marco na mudança da imagem de Augusto, de um homem de guerra que venceu seus rivais para um verdadeiro estadista, que transmitia a imagem de orador e militar, ou seja, de estabilidade e segurança.⁹ Assim, oratória e ação não se manifestam como categorias antagônicas na estátua, mas sim complementares.

A couraça no peito de Augusto congrega elementos políticos, religiosos e militares. Em seu centro, um parto devolve a um soldado/oficial romano um estandarte perdido em batalha por Crasso, em 53 a.C. Squire (2013, p. 251) prefere não nomear ambas as personagens centrais, argumentando que o romano em questão aludiria a Augusto, e o parto, ao rei Fraates IV. Essa cena é a grande propaganda político-militar de massa criada por Augusto, pois os partos eram inimigos históricos dos romanos (SQUIRE, 2011, p. 138-139). Esse discurso augustano seria chancelado pelos seres divinos que circundam a cena principal. Nas laterais da couraça, ao lado das personagens centrais, estariam duas mulheres, representantes de províncias conquistadas. Abaixo do romano e do parto, figuram-se: à esquerda do observador, Apolo montado em um grifo; no centro, Mãe Terra; e à direita do observador, Diana montando um cervo. Na parte superior central, logo abaixo do queixo de Augusto, figura-se a divindade Céu, com Aurora e Lua à direita do observador, e o Sol, à esquerda, montando uma quadriga (SQUIRE, 2013, p. 249-252). Por fim, outras duas observações que apontam para o caráter divino do imperador: a estátua de Augusto apresenta-se de pés descalços, em uma alusão a seu caráter divino ou heroico, e Cupido, montando um golfinho, segura a barra de sua túnica, em uma referência à ancestralidade de sua família remeter a Vênus (ZANKER, 1988, p. 189-192).

A descrição da couraça de Augusto aponta para a interveniência de elementos políticos, militares e religiosos que auxiliam na elaboração das seguintes questões que nortearão a análise documental: quais elementos predominam nas descrições/legendas das imagens? Há contextualização dos elementos religiosos? Quais são as recorrências e omissões nos textos que citam a estátua? Qual aspecto da couraça prevalece nos livros didáticos: político, militar ou religioso? Quais são omitidos? Como esses elementos se

⁹ Para Beard (2013, p.113), Augusto foi o primeiro a perceber que o poder também se manifesta na visibilidade e, por isso, incentivou a reprodução de sua imagem por todo Império. Nesses termos, ela concorda com Fejfer (2008, p. 73), que identifica, na estátua, uma linguagem simbólica e visual do poder augustano e imperial. A respeito do termo estadista, a historiadora britânica utiliza o termo *stateman*, que também poderia ser traduzido como "homem de Estado". Ambas as definições enveredam o debate para a discussão sobre a validade do uso do conceito de Estado para o Império Romano, tema que excede os limites deste artigo.

articulam? É possível distinguir as personagens figuradas na couraça? A investigação do *corpus* estabelece respostas válidas para essas perguntas.

Augusto de *Prima Porta* em cinco livros didáticos

No PNLD-2018, apenas treze coleções de livros didáticos de História foram aprovadas. Nelas, o conteúdo sobre Roma antiga está presente nos livros escolares referentes ao primeiro ano do ensino médio. Dos treze livros didáticos analisados, apenas cinco reproduzem a imagem da estátua de Augusto de *Prima Porta*. São esses cinco casos que pautam as análises documentais apresentadas a seguir.

O primeiro caso investigado está disponível no livro didático *Caminhos do Homem* (MARQUES; BERUTTI, 2016, p. 97). Quando exibida, a estátua de Augusto é a única imagem na página, ocupando um longo espaço à direita do conteúdo escrito.¹⁰ Sua legenda omite o nome pela qual ela é conhecida e a apresenta como “Imperador Otávio Augusto (séc. I). Mármore”.¹¹ A proeminência da imagem aponta para uma projeção de grandeza de Augusto, complementada pelo texto que a acompanha, especialmente na passagem abaixo:

Otávio Augusto (sic.), que governou entre 27 a.C. e 14 d.C., é representado em trajes militares, usando uma armadura na qual foram esculpidas várias imagens: embora o significado destas seja polêmico, os especialistas afirmam que a cena central representa claramente a recuperação de um estandarte romano, encimado por uma águia, das mãos de um bárbaro derrotado, referência explícita aos méritos militares do primeiro imperador. Em sua obra *Res Gestae*,¹² na qual Otávio relata as próprias realizações e publicada após a sua morte, escreveu: “Pelas vitórias sobre os nossos inimigos, recuperei – na Espanha e na Gália e das mãos dos Dálmatas – vários estandartes perdidos por outros comandantes. Obriguei aos Partos a devolverem-me os despojos e estandartes de três exércitos romanos e a pedirem, suplicantes, a amizade do povo romano” (*Res Gestae apud BERUTTI; MARQUES, 2016, p. 97*).¹³

O texto dialoga com a imagem da estátua ao comentar a respeito de elementos de caráter militar da couraça que vestia o imperador: a recuperação do estandarte romano; os partos; a derrota dos inimigos. Os elementos religiosos e o gesto do imperador, no entanto, são ignorados. A ausência de menções às figuras divinas da couraça dificulta

¹⁰ Importante notar que, por vezes, a editoração da página não é responsabilidade dos autores dos livros didáticos, mas sim de uma equipe própria de editoração ou de *design* instrucional. Ainda assim, o resultado interfere diretamente na interpretação do leitor.

¹¹ Alguns livros didáticos utilizam de forma equivocada o nome de Otávio Augusto para se referir a Caio Otávio, que passou a se chamar Caio Júlio César Otaviano após sua adoção por Júlio César e, posteriormente, intitulou-se Augusto. Assim, as citações diretas que se referem a Augusto como Otávio Augusto serão acompanhadas de (sic.).

¹² A discussão a respeito da autoria das *Res Gestae* foge ao escopo de análise desse artigo.

¹³ No livro didático, o trecho recebe a seguinte referência: (AUGUSTO *apud* CORNELL; MATTHEWS, 1996, p. 77).

a compreensão do papel da religião romana em aspectos político-militares, uma vez que dificilmente os alunos conseguiriam reconhecer as divindades figuradas. Além do capítulo do livro não discutir a religião romana, a exibição da estátua, embora visualmente relevante para o leitor, permite uma observação acurada apenas da cena central, posto que os seres divinos figurados têm seu exame prejudicado por serem mais rebuscados e com mais detalhes.¹⁴ Centrado apenas na questão político-militar, o texto direciona a interpretação da imagem de Augusto para seu caráter imperialista e de pacificação dos conflitos. Essa ideia é reforçada em outro trecho da mesma página, na qual a estátua é exibida, afirmando que, após as guerras civis, Roma seria conduzida pela “mão firme, mas bondosa, de um *pater familias*” (BERUTTI; MARQUES, 2016, p. 97). Valoriza-se, assim, o caráter estabilizador do governo de Augusto e subentende-se que ele foi o responsável pela longevidade do Império, posto que o principado augustano encerra o capítulo sobre a história de Roma antiga, sendo o capítulo subsequente dedicado ao feudalismo. No livro didático indicado, não há crise e nem desagregação imperial que apontasse o fim da estabilidade promovida por Augusto.

Outra consideração relevante é a ausência de citação à figura do Cupido, que, ao contrário dos outros seres divinos figurados, é facilmente perceptível, mas igualmente ignorado. A apresentação das divindades romanas aos leitores aprofundaria o debate sobre os poderes de Augusto e, principalmente, seu caráter divino. A inexistência de menções ao Cupido e às outras divindades dificulta a percepção de que a identidade cívica dos romanos estava profundamente atrelada à religião (RÜPKE, 2016, p. 42-43), impedindo que os estudantes discutam as complexas relações entre política e religião em Roma. No limite, o capítulo referente ao ensino de Roma antiga omite a própria existência de uma religião romana, crucial para a interpretação da estátua. Assim, a história de Roma antiga seria pautada por uma lógica político-militar.

O segundo caso analisado está presente no livro *Cenas de História* (GRANGEIRO, 2016, p. 95). A estátua de Augusto de *Prima Porta* é a única ilustração presente na página e, dessa vez, sua legenda a nomeia corretamente. Na descrição da estátua, o autor ressalta os feitos militares romanos: “No peitoral, estão representadas vitórias romanas em batalhas” (GRANGEIRO, 2016, p. 95). Nota-se que o autor não se refere a vitórias militares augustanas, mas romanas. Assim, é possível questionar se as vitórias citadas por ele foram capitaneadas pelo primeiro imperador romano, tendo em vista que não há nenhuma indicação de que ele fora o responsável por esses feitos militares. Essa é a única menção escrita à estátua e difere-se da observada no caso anterior, que ressaltou que

¹⁴ Esse padrão é identificado em todos os cinco casos analisados.

a vitória romana sobre os partos deveria ser associada à figura do *princeps*. No caso do livro em questão, não há elementos que permitam que o leitor faça essa associação. Para aprofundar a investigação, torna-se necessário notar o papel desempenhado pela imagem na configuração da página em que se encontra. A figura de Augusto encontra-se abaixo da subseção “A situação se agrava”, destacada no alto da folha em uma fonte de texto de cor roxa. Ao lado do imperador, há o título da subseção: “Nova Ordem” (GRANGEIRO, 2016, p. 93). Essa formatação realça visualmente três elementos para o leitor: a imagem e os dois subtítulos. Lidos em conjunto, eles conduzem a uma interpretação de que, em uma situação de crise política, é estabelecida uma “nova ordem” por Augusto. Essa ideia é reforçada pela leitura do trecho:

Valendo-se da popularidade conquistada, Otávio governou Roma por mais de 40 anos, entre 27 a.C. e 14 d.C. No poder, fez inúmeras reformas, que colocaram fim às instabilidades políticas e sociais da cidade. [...] Nas províncias, as rebeliões foram sufocadas, e o exército reorganizado, com a distribuição de terras, principalmente entre os veteranos (GRANGEIRO, 2016, p. 95).

O texto acima, localizado ao lado da imagem de Augusto, aponta para o caráter inovador e estabilizador do Principado, que superou os conflitos que fizeram a situação romana agravar-se, como indicou o subtítulo “A situação se agrava”. Assim, o trecho reforça o poder militar emanado pela imagem de Augusto. Essas ações augustanas servem como base para uma pretensa longa duração da estabilidade política romana, vista na página seguinte:

A partir do governo de Otávio essa sociedade ingressaria em um período de grande estabilidade e prosperidade. Resultado, o Império Romano iria perdurar por mais de quatro séculos, exercendo seu poder sobre uma enorme população, estimada em mais de 50 milhões de pessoas, espalhadas por três continentes (GRANGEIRO, 2016, p. 96).

Nota-se uma dicotomia criada em torno dos termos “instabilidade” e “estabilidade”, que representam, respectivamente, Roma antes e depois de Augusto. Não se questiona a veracidade da estabilidade política forjada no Principado, contudo, questiona-se a dilatação temporal dos seus efeitos, tendo em vista que ela teria sido responsável por um período de quatro séculos sem instabilidade política em Roma. A omissão da crise de 69, por exemplo, alinha-se à essa narrativa, pois sua apresentação ao alunado colocaria em xeque o longo período de estabilidade criada a partir das ações de Augusto. Isso é reforçado pela seção seguinte, “5. Pax Romana”¹⁵, que reafirma que os três primeiros

¹⁵ O título da seção não está em itálico.

séculos do Império Romano ocorreram sem conflitos ou grandes guerras, conforme pode ser visto abaixo:

Até o século III, a história do Império Romano foi marcada pela forte atuação do Estado, que assim conseguiu reduzir os conflitos internos e evitar grandes guerras. Colaborou para esse cenário uma política marcada pela tolerância aos costumes dos povos dominados. Toda revolta, porém, era reprimida com vigor. Por essas características, o período é conhecido como **Pax Romana** (GRANGEIRO, 2016, p. 97).¹⁶

No trecho acima, percebe-se que a *Pax Romana* fundamenta-se na supressão das revoltas e na estabilidade política. Tais elementos reforçam o cenário positivo em torno do imperador, responsável pelo “fim às instabilidades” e pelo término de “rebeliões nas províncias” (GRANGEIRO, 2016, p. 95). Essa narrativa é reforçada pela ausência de citações às revoltas provinciais contra o Império Romano, como a de Boudica, em 61, e as de judeus contra os romanos, em 66 e 132. Todas as manifestações de oposição ao poder imperial romano são solenemente ignoradas. Suprimir eventos que questionem a perenidade da *Pax Romana* em Roma e nas províncias confere coerência ao texto, embora distorça a história romana. Assim como no caso de estudo anterior, o livro *Cenas de História* (GRANGEIRO, 2016) também ignora a presença de figuras divinas e do gesto do imperador, forjando, a partir da estátua e do texto que a acompanha, a ideia de um Império Romano inabalável. Percebe-se, portanto, o início de um padrão que envolve a negligência a respeito das figuras divinas na estátua de Augusto, o realce ao caráter estabilizador do *princeps* e a inexistência de revoltas em decorrência das ações augustanas que criaram a *Pax Romana*.

O terceiro caso analisado está presente no livro *Contato História* (PELLEGRINI; DIAS; GRINBERG, 2016), que reproduz, com destaque, uma cópia da estátua de Augusto de *Prima Porta*. Na configuração da página, nota-se o título da seção “O Alto Império” e das subseções: “A pax romana”; “As reformas imperiais”; “Cidadania romana” (PELLEGRINI; DIAS; GRINBERG, 2016, p. 152). Uma vez mais, a estátua está próxima a elementos textuais que reforçam a *Pax Romana* e as atuações políticas do imperador. Na legenda da imagem, lê-se: “Estátua de mármore do século I representando Otávio Augusto (sic.) que, ao assumir o poder, adotou os títulos de *princeps* (do latim “primeiro”, “principal”) e imperador (general do exército)” (PELLEGRINI; DIAS; GRINBERG, 2016, p. 152). A estátua exposta pelo livro didático, no entanto, não é feita em mármore, mas sim em bronze e foi produzida no século XX, sob as ordens de Mussolini, como indica Squire (2013,

¹⁶ A grafia encontra-se da forma como foi exposta no livro didático, sem itálico e em negrito.

p. 244-245).¹⁷ Essa cópia não figurou o Cupido e o texto do capítulo não apresenta as cenas presentes na couraça do imperador. Ou seja, ignora-se novamente qualquer figura religiosa que pudesse estar conectada a Augusto, assim como poderia representar o gesto do imperador. Destacam-se dois textos que estão ao lado da imagem. O primeiro versa sobre a *Pax Romana*:

Período que se inicia no Alto Império, a *Pax Romana* se caracterizou pelo desenvolvimento político, econômico e social do Império romano e pela ausência de grandes guerras, que tinham sido muito frequentes no período Republicano. No entanto, a *Pax Romana* não significou o fim dos conflitos armados. Guerras “menores” foram travadas durante esse período em quase todas as regiões do Império, principalmente para sufocar revoltas internas e impedir ataques estrangeiros. [...] A *Pax Romana* durou quase dois séculos, até a morte do imperador Marco Aurélio, em 180 (PELLEGRINI; DIAS; GRINBERG, 2016, p. 152).

No fragmento de texto apresentado, não há indicação de que Augusto seja o responsável pela inauguração da *Pax Romana*, que ela teria se iniciado no Alto Império. Outro trecho, no entanto, define o Alto Império como o período de governo de Augusto: “Otávio Augusto foi imperador de Roma entre 27 a.C. e 14 d.C. Nesse período, conhecido como Alto Império [...]” (PELLEGRINI; DIAS; GRINBERG, 2016, p. 152). Sendo assim, Augusto novamente é realçado pela implementação da *Pax Romana* que, nesse caso, ao contrário dos observados anteriormente, reconhece a existência de conflitos armados envolvendo Roma, mas os trata como conflitos “menores” e não como “grandes guerras”. Nenhum conflito ou guerra, contudo, seria capaz de ameaçar a estabilidade imperial criada por Augusto, como indica a passagem:

Quando Otávio (Augusto) assumiu o poder [...], muitas eram as reformas a serem empreendidas. Essas, inicialmente, permitiram a unidade política do imenso território conquistado por Roma e a criação do Império [...]. Augusto também procurou pacificar o território já conquistado, estabilizando as fronteiras do império e fazendo com que as guerras deixassem de ser sistemáticas (FLORENZANO *apud* PELLEGRINI; DIAS; GRINBERG, 2016, p. 152).

Uma vez mais há a recorrência de assuntos conectados à pacificação, estabilidade e unidade do Império. Embora não haja menções à estátua no corpo do texto principal, Augusto é o ator principal da seção dedicada ao Alto Império, representado graficamente pela estátua de *Prima Porta*. Assim, o livro *Contato História* (PELLEGRINI; DIAS; GRINBERG, 2016), além de não nomear corretamente a estátua que apresenta ao

¹⁷ Para saber mais sobre os usos da Antiguidade romana pela Itália fascista, ver Giardina (2008). Para ver a imagem em questão, acessar: <https://www.alamy.com/stock-photo-bronze-statue-of-the-roman-emperor-augustus-via-dei-fori-imperiali-76440181.html>.

leitor, reproduz o padrão identificado nos exemplares anteriores, ao ignorar as figuras divinas e exaltar as ações augustanas, em especial o caráter pretensamente duradouro de suas ações políticas estabilizadoras.

O quarto caso de análise está presente no livro *História das Cavernas ao Terceiro Milênio* (BRAICK; MOTA, 2016, p. 110). A página que destaca a estátua de Augusto exhibe outros dois elementos relevantes: um mapa sobre o Império Romano e um título de seção. No topo da página, o título "Ascensão e queda do Império (27 a.C. – 476 d.C.)" encontra-se centralizado e destacado na cor azul. À sua esquerda, está a imagem de Augusto de *Prima Porta*. Abaixo de ambos, o mapa "O Império Romano em sua máxima extensão (Século II)" ocupa quase metade da página (BRAICK; MOTA, 2016, p. 110). Esses três elementos circundam um texto formado por quatro parágrafos, dos quais três tratam do principado augustano e um sobre o período desde sua morte até o ano de 235. Embora o título indique a "queda do império", apenas na página seguinte há uma seção intitulada "Desagregação do Império Romano", que se inicia já no período do Baixo Império (BRAICK; MOTA, 2016, p. 110). A imagem de Augusto somada a marcadores textuais como "ascensão" e "máxima extensão" permitem uma leitura de grandeza do Império sob o comando do imperador figurado na estátua, edificador de um império estável em virtude da *pax romana*, como pode ser visto em:

Sob orientação do imperador, abandonou-se a política agressiva de conquistas e a administração das províncias foi aperfeiçoada, impulsionando o intercâmbio cultural e comercial no Império. Esse novo curso contribui para a estabilidade interna romana, sem que isso significasse o enfraquecimento militar e o esmorecimento do controle das províncias. Esse período tornou-se conhecido como *pax romana* (paz romana) e se estendeu pelos dois primeiros séculos do período imperial (BRAICK; MOTA, 2016, p. 110).

Augusto surge como o provedor da *pax* que garantiu a estabilidade do Império Romano por mais de dois séculos. Nota-se que o trecho indica que Augusto aperfeiçoa um modelo de conquista que antes era caracterizado de "agressivo" e que não estaria adequado à estabilidade política gerada pela *Pax Romana* criada por Augusto. O gesto e as feições do imperador, que se contrapunham à ideia de agressividade, são novamente ignorados. Embora não fosse "agressiva", a solidez militar romana não é questionada e ainda é responsável pela manutenção do controle provincial. Enquanto o trecho destacado aponta para a manutenção do poder imperial por meio das armas, o fragmento abaixo aborda outro vetor do controle provincial: a cooptação das elites locais.

Em linhas gerais, esse período caracterizou-se pela crescente integração política das aristocracias das várias regiões do Império, realizada principalmente por meio da concessão da cidadania romana às lideranças provinciais, o que lhes

permitia ingressar nas instituições políticas de Roma, como o Senado (BRAICK; MOTA, 2016, p. 110).

Os dois trechos abordam a relação de Roma com suas províncias de formas distintas. Enquanto o primeiro trecho reduz o debate à força militar, o segundo demonstra que o controle sobre os povos conquistados não ocorria apenas pela força das legiões, o que não nega o poder coercitivo e dissuasivo do exército romano, mas demonstra que não se mantém um império sem o apoio das elites político-econômicas locais. Para isso, os romanos ofereciam às elites provinciais a concessão de cidadania, geradora de privilégios e de distinção para seus portadores.¹⁸ Essa política romana menos “agressiva” é resultado das ações augustanas, e é ela que, segundo o livro, garante uma suposta estabilidade que seria abalada apenas no Baixo Império.

Até o momento, esse quarto caso de análise segue o padrão visto nos anteriores. A situação altera-se por um motivo: a legenda da estátua de Augusto de *Prima Porta*, transcrita a seguir, destaca a presença do Cupido e o associa ao poder augustano.

Augusto de Prima Porta (século I d.C.), réplica em mármore do original em bronze produzido em 20 a.C. Museus do Vaticano. Nessa escultura, Otávio Augusto (sic.) foi representado de forma jovial e imponente. O Cupido aos seus pés foi incorporado à representação como elemento simbólico para reforçar o caráter divino do imperador (BRAICK; MOTA, 2016, p. 110).

Embora esteja apenas na legenda da imagem, o trecho destacado acima é o único que associa política e religião no Império Romano.¹⁹ Na religião romana, elemento negligenciado pelos livros didáticos analisados, os rituais e as formas de representação do divino desempenhavam papel relevante (RÜPKE, 2016, p. 61). Ressalta-se a centralidade da corporificação de divindades, posto que demarcava suas diferenças frente aos mortais. No caso do Cupido, a legenda indica, ao contrário de todas demais, o caráter divino do imperador (MYLONOPOULOS, 2010, p. 18; RÜPKE, 2016, p. 61). Cupido não está ali apenas como adereço, mas sim como um dos fiadores do poder do *princeps*, fato que não é desenvolvido no texto do capítulo, restringindo-se a uma legenda de uma ilustração, que muitas vezes não é lida pelos estudantes.

O último caso de exibição da estátua de Augusto de *Prima Porta* está presente no livro *Olhares da história: Brasil e Mundo* (VICENTINO; VICENTINO, 2016, p. 165). A imagem da estátua é o elemento de maior relevância visual na página, e localiza-se na parte

¹⁸ A respeito da concessão de cidadania para fins de controle imperial, ver: Macmullen (2000); Mendes e Silva (2006); Guarinello (2013; 2014).

¹⁹ Especificamente a respeito da relação entre a religião romana e a expansão imperial, ver Rives (2000).

superior e à esquerda do leitor. Sua legenda não a nomeia corretamente e apenas diz: “Estátua de Augusto de 20 a.C. aproximadamente, vestido como um comandante vitorioso” (VICENTINO; VICENTINO, 2016, p. 165). Cupido e os outros seres divinos são novamente ignorados, assim como o gesto do imperador que desempenha um papel peculiar na editoração da página em que a estátua é exibida. Ao lado direito da representação há o título da seção: “O Fim da República”. Trata-se do único exemplo no qual a imagem de Augusto de *Prima Porta* não está posicionada na mesma página que apresenta ao leitor os conteúdos sobre o principado augustano. A estátua em mármore de Augusto de *Prima Porta*, exposta no Museus do Vaticano, apresenta o braço direito do *princeps* levantado e apontando adiante. No entanto, a imagem desse livro didático sofreu uma inversão e, por isso, o braço erguido de Augusto é o esquerdo. O título “O Fim da República” encontra-se imediatamente ao lado do braço levantado e a ponta do dedo indicador de Augusto aproxima-se da letra “O”, quase como uma indicação metafórica da responsabilidade do *princeps* no processo que culminou no fim do período republicano. O texto ao lado da imagem apresenta apenas elementos euforizantes da figura de Augusto:

Otávio derrotou seus rivais em 31 a.C. e recebeu do Senado os títulos de *princeps* (“primeiro cidadão”) e *imperator* (“o supremo”). Atribuiu a si mesmo o título de *augustus* (“divino”). Essas medidas consumavam a concentração de poderes nas mãos de Otávio. Era o fim da República e o começo do Império Romano. Observe no mapa abaixo as conquistas de Otávio Augusto (sic.) (VICENTINO; VICENTINO, 2016, p. 165).

O texto aponta apenas os elementos iniciais do governo de Augusto e indica ao leitor a observação do único mapa do Império Romano disponível no capítulo. Intitulado “Domínio de Otávio Augusto (sic.) (27 a.C.- 14 d.C)”, o mapa sobrepõe o poder de Augusto ao do Império Romano, tendo em vista que há a personificação das conquistas romanas na figura do imperador. As legendas do mapa também apontam a centralidade da figura do *princeps*: “Território Romano Antes de Augusto”; “Conquistas de Augusto”; “Reinos Independentes Aliados” (VICENTINO; VICENTINO, 2016, p. 165). Há uma simbiose entre Império Romano e Augusto, de forma que o primeiro não existiria sem o segundo que, por sua vez, mostra-se como mais importante do que o próprio Império, posto que responsável por sua fundação e expansão. O livro didático constrói uma imagem de Augusto como modelo de imperador ideal e responsável pelas conquistas territoriais romanas. Esse imperador exemplar se confunde com o próprio Império e é figurado na estátua de *Prima Porta*. Não há qualquer menção a elementos que pudessem colocar em risco o principado augustano e o Império Romano pós-Augusto. A estrutura arquitetada

por Augusto somente entraria em crise no século IV, como já externado pelos livros didáticos analisados anteriormente.

A investigação do *corpus* documental permite afirmar que há uma conexão entre a exibição da imagem de Augusto de *Prima Porta* e a construção de um Império Romano inabalável, elaborado por Augusto a partir do conceito de *pax romana*, geradora da estabilidade imperial. Os cinco casos analisados convergem para essa perspectiva, que ignora o papel desempenhado pelos seres divinos figurados na estátua investigada e na configuração dessa tipologia de império. Nota-se, também, a ausência de menções ao gesto do *adlocutio*, que seria uma oposição à visão simplista de que o Império é mantido apenas a partir da força das armas.

Augusto, o provedor de uma paz sem a chancela divina

Os livros didáticos investigados obliteraram aspectos da religião romana ao mesmo tempo que valorizaram uma suposta estabilidade política de longa duração, que incluía o controle provincial, o que distorce a história romana, pois desconsidera que a expansão imperialista era legitimada religiosamente (RÜPKE, 2011, p. 4-5). Ao minimizar os vínculos entre religião romana e política imperial, evidenciados pela estátua de Augusto, os livros escolares dificultam a compreensão de uma das maiores peculiaridades do Mundo Antigo frente ao mundo contemporâneo ocidental. Essa ação ocorre em decorrência de dois fatores: a predominância de um caráter ilustrativo da imagem da estátua de Augusto de *Prima Porta* no contexto de ensino de História Antiga e seu uso como a personificação do poder imperial romano.

Afirma-se que a imagem da estátua de Augusto de *Prima Porta* é utilizada apenas como ilustração, pois nenhum livro didático analisado a estabeleceu como um documento histórico capaz de ensinar discussões sobre o período estudado.²⁰ Essa reprodução acrítica da estátua manifesta-se principalmente pela ausência de questões como: quem seriam as personagens presentes na couraça de Augusto? Por que há um Cupido aos pés de Augusto? Esse tipo de atitude conferiria à estátua o caráter de documento histórico passível de ser analisado a partir de sua problematização. O que se notou, no entanto, foram abordagens que apenas narraram o período augustano sem pontuar questões a partir do elemento visual que os próprios livros didáticos apresentam e destacam aos seus leitores. Cabe ressaltar que as imagens das estátuas de Augusto de *Prima Porta* não são minimizadas editorialmente em nenhum exemplar investigado, sendo todas

²⁰ Sobre os avanços e as dificuldades em relação ao Ensino de História Antiga no Brasil, ver: Machado *et al* (2019) e Silva (2011).

elementos gráficos relevantes nas páginas em que são exibidas. Despontam, desse modo, como elementos de grande valor ilustrativo e simbólico, mas que são desidratados historicamente e desconsiderados como documentos. Embora não sejam valorizadas como documentos, tais imagens funcionam como transmissoras da personificação do sucesso de um império que se expandiu a partir de seu exército, pacificou suas fronteiras e alcançou estabilidade política. Assim, a estátua de Augusto alinha-se aos textos que o apontam como arquiteto de uma estrutura política e militar que perduraria até o século III. Os livros analisados constroem esse cenário a partir de dois elementos: a construção de uma imagem euforizada de Augusto e a ideia da *Pax Romana*.

Segundo Beard (2013, p. 113; 2017, p. 333-381), a imagem pública de Augusto em Roma passou por profundas transformações até ser consolidada como a de um estadista. Essa mudança de imagem seria obra do próprio imperador a partir de ações que incluíam, por exemplo, a difusão de estátuas do tipo *Prima Porta*. É instigante notar como a elaboração de uma reputação positiva na Antiguidade encontra eco unânime nos livros didáticos do século XXI. A estátua de *Prima Porta* é a única imagem de Augusto disponível para os estudantes no *corpus* documental investigado e coaduna-se com um conteúdo escrito que não apresenta elementos disforizantes em relação ao imperador. Essa imagem euforizante de Augusto e, conseqüentemente, do Império Romano, foi conectada à *Pax Romana*, elemento central para o alcance de uma pretensa estabilidade imperial.

Nos livros didáticos investigados, observa-se a predominância da ideia de *Pax Romana* como um período de paz ininterrupta ou ausência de conflitos. Entende-se que um livro didático direcionado a alunos do ensino médio não possa fugir de certos anacronismos e reducionismo. No entanto, houve uma profunda distorção da história romana para que uma ideia reducionista de *Pax Romana* pudesse ser aplicada. Assim, revoltas contra o Império Romano foram ignoradas, pois colocariam em xeque a noção predominante de uma paz duradoura. O peso da *Pax Romana* na construção do conhecimento sobre Roma antiga nos livros didáticos deveria ser um propulsor para que seus autores buscassem um maior embasamento bibliográfico para a discussão do tema. Houve tempo suficiente para que autores basilares para a discussão, como Woolf (1993), tivessem suas produções internalizadas nos materiais didáticos, o que não parece ter ocorrido. Se a língua inglesa pode surgir como um obstáculo, é possível encontrar obras em português, especialmente Mendes, Bustamante e Davidson (2005) e Mendes e Silva (2006), que versam, direta ou indiretamente, sobre o assunto. Isso permitiria que os autores de livro didático apontassem a *Pax Romana* mais como uma construção ideológica, que alegava que não haveria mais guerras civis e que o mundo civilizado confundir-se-ia com as fronteiras do Império, não havendo mais objetivos de expansão (WOOLF, 1993). A

lógica reforçada no *corpus* de análise e personificada na figura de Augusto, no entanto, reforça a hegemonia romana a partir de um consenso artificialmente criado e que serviria como sustentáculo do Principado por séculos.

Conclusões

Livros didáticos ainda são materiais imprescindíveis no ensino escolar de um país marcado por profundas desigualdades sociais como o Brasil. Para muitos alunos, eles podem significar o único livro em suas residências. Por isso, não cabe fazer uma análise inquisitorial de sua produção, ainda mais tendo em vista sua evolução ao longo dos últimos anos. Os livros didáticos do século XXI são produtos educacionais de melhor qualidade do que aqueles produzidos há quinze ou vinte anos. Essa melhoria está diretamente ligada ao PNLD, que busca o aprimoramento constante desse instrumento pedagógico. No entanto, no caso dos conteúdos sobre Roma antiga, notadamente relacionados ao principado augustano, há espaço para melhorias significativas. A investigação sobre as imagens da estátua de Augusto de *Prima Porta* no *corpus* documental apontou para uma negligência em relação aos aspectos religiosos nela presente, na exaltação ao combate e no reforço de um império inabalável. Isso alude a uma escrita histórica que ainda carrega marcas de paradigmas superados há tempos no campo da Antiguidade clássica e seu ensino.

Ignorar a riqueza religiosa romana, exemplificada na couraça de Augusto, impede os estudantes de observarem, discutirem e analisarem ambientes religiosos distintos daqueles em que vivem. Isso seria uma contribuição do Ensino de História Antiga para alunos que vivem em um país cuja maioria da população segue o cristianismo, religião cujo nascedouro encontra-se no Império Romano. Além disso, nega-se o fato de que a religião romana era um dos pilares de sustentação do poder do imperador, especialmente no caso de Augusto, que foi divinizado como seu pai adotivo, Júlio Cesar. O aspecto divino de Augusto poderia ser citado em seus pés descalços ou mesmo na presença de Cupido ao seu lado, como discutido anteriormente. Assim, duas importantes informações sobre elementos visuais reconhecíveis na estátua são negadas aos alunos, o que minimiza as potenciais interpretações sobre a estátua. A alteridade religiosa romana é, no limite, apagada. O próprio gesto de *adlocutio* do imperador é ignorado pelos livros didáticos. Isso conduz a uma interpretação simplista que se concentra apenas em seus elementos político-militares. Assim, a estátua seria um símbolo do poder militar romano e da estabilidade imperial arquitetada por Augusto a partir da *Pax Romana*, personificando um império hegemônico que não apresenta rachaduras em suas estruturas. Não há revoltas contra o Império Romano e os imperadores se sucedem sem que haja qualquer

guerra civil, tendo em vista que Augusto representa o fim dos conflitos em Roma. Em suma, a exibição da estátua de Augusto de *Prima Porta* nos livros didáticos analisados reitera elementos do Império Romano que já foram superados no debate historiográfico, e conduzem para a ideia de uma estabilidade política perene, um imperialismo sem resistências e um afastamento entre política e religião.

Referências

Documentação textual

- ALVES, A.; OLIVEIRA, L. *Conexões com a História*. São Paulo: Moderna, 2016.
- AZEVEDO, G.; SERIACOPI, R. *História: passado e presente*. Dos primeiros humanos ao Renascimento. São Paulo: Ática, 2016.
- BOULOS JÚNIOR, A. *História, Sociedade e Cidadania*. São Paulo: FTD, 2016.
- BRAICK, P.; MOTA, M. *História das cavernas ao terceiro milênio*. São Paulo: Moderna, 2016.
- CAMPOS, F.; PINTO, J.; CLARO, R. *Oficina de História*. São Paulo: Leya, 2016. v. 1.
- COTRIM, G. *História Global*. São Paulo: Saraiva, 2016.
- GRANGEIRO, C. *Cenas da História*. São Paulo: Palavras Projetos Editoriais, 2016. v. 1, Ensino Médio.
- MARQUES, A.; BERUTTI, F. *Caminhos do Homem: das origens da humanidade à construção do mundo contemporâneo*. São Paulo: Base Editorial, 2016.
- MOCELIN, R.; CAMARGO, R. *História em debate*. São Paulo: Editora do Brasil, 2016.
- PELLEGRINI, M.; DIAS, A.; GRINBERG, K. *Contato História*. São Paulo: Quinteto Editorial, 2016.
- SANTIAGO, P.; CERQUEIRA, C.; PONTES, M. *Por dentro da História 1: Brasil e Mundo*. São Paulo: Escala Educacional, 2016.
- VAINFAS, R. et al. *História Ensino Médio*. São Paulo: Saraiva, 2016.
- VICENTINO, C.; VICENTINO, B. *Olhares da História: Brasil e Mundo*. São Paulo: Scipione, 2016.

Obras de apoio

- BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BEARD, M. *Confronting the classics: traditions, adventures and innovations*. New York: Liveright Publishing, 2013.

- BEARD, M. *SPQR: uma história de Roma Antiga*. São Paulo: Planeta, 2017.
- BEARD, M; HENDERSON, J. *Classical art from Greece to Rome*. Oxford: Oxford University Press, 2001.
- BITTENCOURT, C. (org.). *O saber histórico na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2015.
- CAIMI, F. Geração *Homo zappiens* na escola: os novos suportes de informação e a aprendizagem histórica. In: MAGALHÃES, M. et al (org.). *Ensino de história: usos do passado, memória e mídia*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2014, p. 165-186.
- CARDOSO, C. *Narrativa, sentido, história*. São Paulo: Papirus, 1997.
- COSTA JUNIOR, J. *Roma presente: recepções clássicas em discursos políticos e educacionais no Brasil (2016-2020)*. 2021. Tese (Doutorado em História Social) – Programa de Pós-Graduação em História da UNIRIO, Rio de Janeiro, 2021.
- ELSNER, J. *Imperial Rome and Christian triumph: the art of the Roman Empire AD 100–450*. New York: Oxford University Press, 1997.
- FEJFER, J. *Roman portraits in context*. Berlin: Walter de Gruyter, 2008.
- FERNANDES, M. Os tipos de (estátua) retrato de Augusto. *Palíndromo*, v. 8, n. 16, p. 65-79, 2016.
- FRANCO, A. Uma conta de chegada: transformação provocada pelo PNLD nos livros didáticos de história. In: MAGALHÃES, M. et al. (org.). *Ensino de História: usos do passado, memória e mídia*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2014, p. 143-164.
- GIARDINA, A. O mito fascista da romanidade. *Estudos Avançados*, v. 22, n. 62, p. 55-76, 2008.
- GREIMAS, A.; COURTÈS, J. *Dicionário de semiótica*. São Paulo: Cultrix, 1989.
- GRIMAL, P. *O Império Romano*. Lisboa: Edições 70, 1993.
- GUARINELLO, N. *Ensaio de História Antiga*. São Paulo: Contexto, 2013.
- GUARINELLO, N. *História Antiga*. São Paulo: Contexto, 2014.
- JOLY, M. *Introdução à análise da imagem*. Campinas: Papirus, 2012.
- MACHADO, J. et al. Os reverses de História Antiga no Brasil. *Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade*, v. 5, p. 1-11, 2019.
- MACMULLEN, R. *Romanization in the Time of Augustus*. London: Yale University Press, 2000.
- MARTINS, P. *Imagem e poder: considerações sobre a representação de Otávio Augusto*. São Paulo: Edusp, 2011.
- MENDES, N.; BUSTAMANTE, R. M. C.; DAVIDSON, J. A experiência imperialista romana: teorias e práticas. *Tempo*, n. 18, p. 17-41, 2005.
- MENDES, N.; SILVA, G. V. (org.). *Repensando o Império Romano: perspectiva sócio-econômica, política e cultural*. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

- MYLONOPOULOS, J. (ed.). *Divine images and human imaginations in Ancient Greece and Rome*. Leiden: Brill, 2010.
- POLLINI, J. *From the Republic to Empire: rhetoric, religion, and power in the visual culture of ancient Rome*. Norman: University of Oklahoma Press, 2012.
- RIVES, J. Religion in the Roman World. In: HUSKINSON, J. (ed.). *Experiencing Rome: culture, identity and power in the Roman World*. New York: Routledge, 2000, p. 245-277.
- RÜPKE, J. *On Roman religion: lived religion and the individual in Ancient Rome*. Ithaca: Cornell University Press, 2016.
- RÜPKE, J. Roman Religion – Religions of Rome. In: RÜPKE, J. (ed.). *A companion to the Roman religion*. Oxford: Wiley-Blackwell, 2011, p. 1-10.
- SILVA, G. V. Os avanços da História Antiga no Brasil. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, XXVI., 2011, São Paulo. *Anais...* São Paulo: Associação Nacional de História, 2011, p. 1-31.
- SQUIRE, M. Embodied ambiguities on the Prima Porta Augustus. *Art History*, v. 36, p. 242–279, 2013.
- SQUIRE, M. *The art of the body: Antiquity and its legacy*. London: I. B. Tauris, 2011.
- WOOLF, G. Roman Peace. In: RICH, J.; SHIPLEY, G. *War and society in the Roman World*. London: Routledge, 1993, p. 171-194.
- ZANKER, P. *Arte romana*. Roma: Laterza, 2012
- ZANKER, P. *The power of images in the Age of Augustus*. Michigan: The University of Michigan Press, 1988.